



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
GRADUAÇÃO EM LETRAS
LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA

EDUARDA DUTRA DE DEUS FERREIRA

NÓS, OS HOMENS DO GADO

A subjetividade contemporânea na obra *De gados e Homens*, de Ana Paula Maia

BRASÍLIA-DF
2018

EDUARDA DUTRA DE DEUS FERREIRA

NÓS, OS HOMENS DO GADO

A subjetividade contemporânea na obra *De gados e Homens*, de Ana Paula Maia

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharelado em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

BRASÍLIA-DF
2018

O que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.

Willian Faulkner

RESUMO

O presente ensaio procura desenvolver uma leitura crítica acerca da obra *De gados e homens*, de Ana Paula Maia, apresentando a relação dialética entre o texto literário e o mundo contemporâneo. A partir da questão acerca de como são percebidas as subjetividades contemporâneas na obra, o ensaio desenvolve uma leitura baseada nas contradições entre elementos formais, sociais, econômicos e culturais presentes no texto, centrais para o entendimento da própria obra e, para além dela, da contemporaneidade. O objetivo geral é, então, apresentar reflexões importantes para uma hermenêutica do mundo atual, através da investigação da metáfora que existe entre essa obra de Ana Paula Maia e o mundo extraliterário.

PALAVRAS-CHAVE: De gados de Homens. Ana Paula Maia. Dialética. Subjetividade. Contemporaneidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - UMA ANÁLISE DIALÉTICA DA OBRA LITERÁRIA	8
1.1 Forma e conteúdo.....	8
1.2 Trabalho e morte: as objetividades narradas	17
CAPÍTULO II - A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
BIBLIOGRAFIA	34

INTRODUÇÃO

A literatura tem uma função profundamente humanizadora, já ensinava o mestre Antonio Candido (2004). Primeiro porque, ao organizar o discurso em uma forma tipicamente literária, torna o leitor capaz de ordenar seu próprio caos interior. Segundo, porque traz em si e faz conhecer diferentes aspectos do tempo, da sociedade, dos sentimentos, enfim, porque permite que vivamos dialeticamente os problemas humanos. E é nesse sentido, da explicitação de contradições, que se faz oportuno apresentar a obra de uma autora pouco conhecida da literatura brasileira contemporânea, Ana Paula Maia.

Cada livro de Ana Paula Maia é como um soco no estômago. Cada história dessa jovem escritora carioca é o desvelamento de um mundo de violência, morte e exploração que é, ao mesmo tempo, espetacularmente fantástico e desconfortavelmente próximo da nossa realidade.

No último prêmio recebido, o prêmio São Paulo de melhor livro do ano de 2017 por *Assim na terra como embaixo da terra*, Ana Paula Maia foi considerada pelos jurados uma escritora magistral, sensível e contundente, que constrói uma “poderosa metáfora para muitas situações vividas no momento atual e, ao mesmo tempo, faz uma provocação para que se olhe de forma questionadora para o nosso passado” (SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2018). Esse juízo é perfeitamente cabível aos outros livros de Maia, inclusive ao excelente *De gados de homens*, objeto da análise do presente ensaio.

Tomar seu texto literário como metáfora do mundo contemporâneo é abrir uma preciosa oportunidade para investigação dos elementos utilizados por Ana Paula Maia em busca de um melhor entendimento de nós mesmos, do nosso país e da nossa época. Vivemos no Brasil do século XXI e isso significa que a esmagadora maioria da população, 90%, vive em centros urbanos, sob as consequências de uma economia global e prioritariamente capitalista, que entende o mundo como um grande mercado. Também significa os impressionantes avanços tecnológicos que popularizaram artigos eletrônicos sequer imagináveis nos anos finais do século XX, a exemplo dos *smartphones*, verdadeiros computadores portáteis, que permitem a telefonia móvel, o acesso à *internet*, além de serviços como transações bancárias,

prestação de serviços governamentais e o que mais a criatividade dos desenvolvedores de aplicativos permitirem. Significa, por fim, a possibilidade de acesso a informações e fatos ocorridos do outro lado do globo instantaneamente.

Ao mesmo tempo, o Brasil é um país que apresenta altíssimo índice de desigualdade social, ou seja, para uma grande parcela da população, a *internet* ou os celulares não são realidades possíveis, são milhares de pessoas que vivem cada dia na busca do mínimo necessário para sobreviver, a quem o século XXI não trouxe nada de extraordinário.

Assim, tentar compreender os diversos e contraditórios vetores que conformam a nossa realidade, buscar entender os aspectos do presente e do passado que formam a estrutura da sociedade que conhecemos, em suma, tentar desenvolver uma hermenêutica do mundo contemporâneo é como montar um quebra-cabeça sendo uma de suas peças: como não temos ideia de qual o desenho que as peças formam, podemos apenas tentar, como esse ensaio propõe, promover encaixes que pareçam corretos.

Esse estudo foi feito por meio da análise de uma obra literária, acreditando que a literatura tem a capacidade de apontar as contradições entre a essência e a aparência das coisas, que o texto literário carrega em si um pouco do mundo em que foi gerado, sendo, então, ferramenta fundamental para que entendamos melhor a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Como são percebidas as subjetividades contemporâneas na obra *De gados e homens* de Ana Paula Maia? Essa pode ser considerada a pergunta central do presente ensaio e requer uma investigação sobre o modo como pensam, agem e desejam os personagens dessa obra literária, relacionando esse conteúdo àquilo que caracteriza os sujeitos e as estruturas socioeconômicas e culturais contemporâneas.

Para responder tal questão, partimos, no capítulo I, de uma análise crítica dialética da obra supracitada, que foi dividida em dois momentos. No primeiro, foram elencados e analisados os elementos formais da obra, aspectos como as características do narrador, dos personagens, do enredo, objetivando compreender o que podem revelar as escolhas da autora ao contar a história.

No segundo momento, tratamos dos elementos objetivos que são retratados no enredo, selecionando entre todos os temas possíveis, dois deles, o trabalho e a

morte. Tais temas têm fundamental importância para a compreensão da obra, assim como para a compreensão da própria natureza humana. Essas discussões foram apoiadas em diversos conceitos filosóficos e sociológicos, em uma leitura que pretende apontar as realidades extraliterárias que se internalizaram no texto.

Já no capítulo II, procuramos compreender em que nível ocorre a metáfora entre *De gados e homens* e o mundo pós-século XXI. Como não há elementos objetivos que claramente inscrevam a obra nesse universo do contemporâneo, como referências diretas a grandes cidades, à tecnologia ou à globalização, por exemplo, é a partir da subjetividade dos personagens que tal relação pode ser construída. Embasados na leitura das análises de Zygmunt Bauman sobre as sociedades contemporâneas ocidentais, podemos estabelecer as relações entre as subjetividades dos “homens do gado” e a dos sujeitos do século atual.

Assim, esse trabalho se apresenta como uma investigação sobre alguns aspectos do nosso complexo mundo, objetivando auxiliar em uma compreensão maior do que seja esse tempo em que vivemos.

CAPÍTULO I - UMA ANÁLISE DIALÉTICA DA OBRA LITERÁRIA

1.1 Forma e conteúdo.

É próprio da natureza humana contar histórias. Sendo o único ser que desenvolveu a linguagem, a forma humana de compreender o mundo envolve necessariamente a narrativa. Assim, conforme Bastos e Araújo (2011, p. 15), “para que algo se humanize, tenha dimensão humana, precisa ser narrado”. Porém, o mundo é tão complexo que nenhuma narrativa é capaz de esgotá-lo.

Segundo Lukács, “a essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário mediante o qual o homem se apropria do mundo por meio de sua consciência” (2009, p. 89), assim, cada narrativa, seja religiosa, científica, literária, é uma pequena fração de entendimento acerca da complexidade na qual o ser humano se encontra inserido e, no âmbito da literatura, é do crítico, segundo Bastos

e Araújo (2011), o trabalho de revelar a amplitude de uma obra e qual seu valor para a humanidade, medidos pela capacidade do texto literário de evidenciar o sentido humano da vida e desvelar as contradições que constituem o mundo.

Muitas são as possibilidades de enfoque da crítica literária e, no presente trabalho, seguiremos os princípios da crítica literária dialética, resumida por Antonio Candido como aquela que busca entender a obra literária

fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CANDIDO, 2006, p. 13).

Analisar uma obra estética, ainda segundo Candido (2006), é oferecer uma interpretação que parta da investigação dos fatores que integram sua organização interna, abordando os elementos lógicos, formais, linguísticos, assim como fatores externos, os psicológicos ou sociais, já que todos são agentes da estrutura da obra literária e tem papel importante no conjunto de seus significados. Assim, iniciaremos a análise da obra *De gados e homens*, de Ana Paula Maia, com a explicitação de seus elementos formais, para, então, suscitar algumas reflexões deles decorrentes.

De acordo com Bastos e Araújo, a forma literária refere-se àqueles elementos evidentes à primeira vista em um texto:

a intriga, caráter linear ou elusivo dos acontecimentos e, ligado a isso, o tratamento dado ao tempo e ao espaço, o foco narrativo (se na primeira ou terceira pessoa), a maneira de como o narrador se relaciona com os personagens, etc. (BASTOS E ARAÚJO, 2011, p. 34).

Tão importante quanto o que é narrado, os elementos formais implicam no modo de contar uma história e são relevantes, primeiro, por configurarem as estruturas que tornam um texto verossímil, já que, conforme Benatti (2018, p. 3), “no ato da criação literária, todas as microestruturas – personagens, tempo, espaço, narrador/foco narrativo – trabalham juntas para que tal representação humana [...] se torne – ‘real’, verossímil”, mas também por indicarem as escolhas feitas pelo autor e que, na análise dialética de um texto literário, apresentam, conforme Bastos e Araújo

(2011), pistas diversas sobre o momento histórico, a situação social e as relações do escritor no conjunto da sociedade.

Partindo desses pressupostos, temos, em *De gados e homens*, uma configuração espaço-temporal relativamente simples. A história se passa no Vale dos Ruminantes, geograficamente cercado por montanhas e precipícios, cortado pelo Rio das Moscas, curso d'água poluído pelos dejetos dos inúmeros matadouros e fábricas presentes na região. Predomina, assim, o ambiente rural, das fazendas de criação de gado para abate e do Matadouro Touro do Milo, empresa especializada em abate de animais e abastecimento de fábricas de derivados de carne.

O tempo, por sua vez, apresenta uma estrutura cronológica e linear. Assim como o espaço, não há marco que precise quando ocorreram os eventos, o canto das cigarras, citado à página 21, localiza os eventos na primavera, que no Brasil ocorre de setembro a dezembro. Como os fatos são apresentados em ordem cronológica, é possível supor que a ação encerra-se no prazo de algumas semanas ou meses a partir desse período.

Quanto ao enredo, o início do livro, responsável pela apresentação do cenário, dos personagens e de suas relações, tem um caráter episódico. Por episódio entende-se uma:

unidade narrativa não necessariamente demarcada exteriormente, de extensão variável, na qual se narra uma ação autônoma em relação à totalidade da sintagmática narrativa, ação essa que estabelece conexão com o todo em que se insere por meio de qualquer fator de redundância (REIS e LOPES, 1988, p. 33).

Assim, distinguem-se, por exemplo, os episódios das vacas libanesas ou o da visita dos universitários, por meio dos quais o narrador pode se aprofundar na caracterização do universo físico e psicológico dos personagens. Embora não tenham função direta no desenrolar da trama central do enredo, o enigma não solucionado do estranho comportamento das vacas, que culmina no suicídio coletivo dos bovinos, esses episódios integram o todo narrativo pelo papel fundamental de desenvolvimento dos personagens e das atividades cotidianas do matadouro, dando a conhecer na prática o funcionamento de ambos.

Em conjunto com o enredo, revelam-se os personagens, pois, segundo Antonio Candido, trata-se de uma relação indissolúvel:

quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino (CANDIDO, 1972, p. 51).

Em *De gados e homens*, acompanhamos a perspectiva de Edgar Wilson, um dos trabalhadores do matadouro. Ele é, então, o protagonista, aquele em torno do qual “gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa” (REIS e LOPES, 1988, p. 215). É grande e forte, de olhos cinzentos e cabelos claros. Seu campo semântico revela um personagem muito quieto, calmo, resignado, que pouco fala. Conhecemos indiretamente, por meio do narrador, o conteúdo de alguns de seus pensamentos, mas não temos acesso direto à sua consciência, o que o transforma em mais um mistério na história:

Seu Milo olha para ele com a estranha impressão que o persegue, a de que Edgar Wilson sabe mais do que diz. Que presente o centro magnético terrestre como fazem os ruminantes. (MAIA, 2016, p.122).

Edgar parece saber mais do que diz, mas sua mente é impenetrável, constitui-se, assim, um personagem complexo, contraditório, que, ao mesmo tempo em que encomenda a alma dos bovinos e não gosta de matar ovelhas, mata homens a sangue frio. Alguém que, mesmo diante de fatos assombrosos, se mantém impassível.

Alguns outros personagens são revelados, caracterizando o que o narrador chama de homens do gado: Seu Milo, Helmuth, Bronco Gil, Emetério, homens simples, fortes, brutos, matadores de gados e de homens, com vidas determinadas pelo trabalho, acreditando-se talhados para aquelas atividades que ninguém quer fazer, o “trabalho sujo dos outros” (MAIA, 2013, p. 16).

Quanto ao narrador, a “entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa” (REIS e LOPES, 1988, p. 61), percebe-se uma posição dual em relação à matéria narrada, que pode ser identificada pelos tempos verbais utilizados.

A ação é narrada no tempo presente, objetivamente:

Edgar Wilson acena com a cabeça e apanha a ordem de cobrança. Milo volta ao telefone. Edgar hesita pouco antes de sair, mas atravessa a porta do escritório e fecha-a ao passar. Segue por um corredor fétido e mal iluminado e ao virar à direita entra no box de atordoamento, local em que trabalha muitas horas por dia. (MAIA, 2003, p. 11).

Também no presente são narrados os processos cotidianos do trabalho no matadouro, mas, diferente da narração da ação no presente momentâneo, que indica a simultaneidade dos acontecimentos, esse uso do tempo presente caracteriza a regularidade, a habitualidade das ações:

Depois da sangria e da remoção da pele, o gado, suspenso por correntes é empurrado por uma carretilha até chegar a Helmuth, o desmembrador, que usa uma motosserra para remover a cabeça e partir a carcaça ao meio. É o único nesse procedimento, e chega a desmanchar por dia duas centenas de bois e vacas. Costuma usar um capacete preto e luvas para se proteger. É uma atividade que requer técnica e atenção. (MAIA, 2003, p. 24).

Já ao descrever os personagens e suas características, por meio de suas histórias de vida, o narrador utiliza-se do pretérito perfeito, possibilitando a análise de seus comportamentos e valores:

Quando descobriu que era traído pela mulher e que o filho que criava era filho de seu irmão, não se embebedou, não tirou satisfações, não fez ameaças ou mesmo tentou matar para lavar a honra. Aproveitou a ausência da mulher, que havia ido visitar os pais em outra cidade, e passou toda a madrugada esmurrando as paredes da casa com uma marreta. (MAIA, 2003, p. 25).

Além de narrar de fora fatos dos quais não participa, pode-se afirmar que o narrador tem vasto conhecimento da mente dos personagens, pois é capaz de dizer o que pensam:

Seu Milo decide se calar. Conhece a lealdade de Edgar Wilson, conhece seus métodos e sabe que Zeca não prestava nem um pouco. Ninguém deu queixa de seu sumiço, e se alguém viesse procurar pelo rapaz diria simplesmente que nunca mais apareceu no trabalho. Que não sabe por onde anda. (MAIA, 2003, p. 38).

Configura-se, assim, de acordo com Reis e Lopes (1988), um narrador heterodiegético, com foco externo, aquele que relata um universo que não integra, descrevendo-o em terceira pessoa, em uma marcada relação de alteridade. Em relação aos personagens, os conhecimentos demonstrados pelo narrador possibilitam caracterizá-lo como o que esses autores chamam de focalização onisciente, aquele narrador que:

faz uso de uma capacidade de conhecimento praticamente ilimitada, podendo, por isso, facultar as informações que entender pertinentes para o conhecimento minudente da história; colocado numa posição de transcendência em relação ao universo diegético (REIS E LOPES, 1988, p. 255).

Mas essa mesma classificação não cabe ao narrador em relação aos eventos narrados, já que ele, assim como os personagens, não conhece a solução do enigma que perpassa o enredo.

O narrador caracteriza-se, ainda, pelo que Leite (1985) define como narrador intruso, aquele cujo “traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada” (LEITE, 1985, p. 27). Observa-se, a princípio, em *De gados e homens*, uma narração aparentemente neutra, já que baseada na descrição das ações momento a momento, o que remete a um distanciamento e objetividade do narrador, mas, ao mesmo tempo, existem várias passagens em que se explicitam juízos de valor daquele que narra:

Mas considera-se um homem bom e jamais foi confrontado por suas atitudes. Acredita que a hóstia o limpa de toda impureza e o redime de toda imperfeição. Assim, ao comer a carne de Cristo e beber do seu sangue, ele se sente parte de Cristo. Porém, nunca pensou que ao comer da carne dos bois e beber de seu sangue também se torna parte do gado que diariamente ele abate. (MAIA, 2013, p. 76).

Sabemos, através do narrador, o que Seu Milo pensa sobre si mesmo, mas ficamos sabendo, também, o que ele não pensa, e que é, de fato, um pensamento do narrador ao analisar as crenças da personagem. Tais juízos “indiretos e irônicos” (CASARIN, 2017, p. 87) surgem, sobretudo, nos momentos em que o narrador dissecou as histórias de vida e os pensamentos dos personagens.

Por fim, a voz desse narrador, ora objetivo, ora intruso, é caracterizada por Casarin (2017) como pungente e crua, constituída por uma linguagem coloquial que se organiza em frases curtas e diretas. Desvela-se na obra um conjunto de temas ligados ao trabalho e a realidade de sujeitos marginalizados, em suas vivências baseadas em suor e sangue, que revelam uma série de contradições entre o humano e o animal, o explorador e o explorado, o trabalho e a vida, etc.

Uma vez elencadas todas essas características formais da obra, o que elas podem vir a indicar sobre as escolhas da autora ao contar essa história?

Tempo, espaço, enredo, personagens e foco narrativo são elementos que constituem um modo específico de contar histórias, característicos do gênero romanesco. Essa escolha do gênero pela autora já reflete, por sua vez, certa forma de estar no mundo. Tal relação é explicitada por Lukács em *Arte e Sociedade* (2009), ao demonstrar como o romance é o gênero literário típico do mundo moderno.

Para o autor, o gênero literário “romance” surge da narrativa medieval, em oposição às formas épicas e líricas das sociedades anteriores, como a melhor forma de expressão da consciência da burguesia. Isso se dá porque, com o fortalecimento do capitalismo, as realidades objetiva e subjetiva passam a ser regidas pelas relações estruturais desse sistema, e não mais pelos valores do mundo medieval, o que irá envolver o antagonismo entre classes sociais, a exploração do trabalho, o fetichismo, a alienação. Esses fatos promovem a progressiva degradação da moral humana, o desencantamento do mundo, o rebaixamento da atividade espiritual e a perda da consciência da coletividade.

Há, então, uma “homologia entre a estrutura romanesca clássica e a estrutura da troca na economia liberal” (GOLDMANN, 1967, p. 8), caracterizando o caráter prosaico do mundo moderno: se, na vida, valoriza-se aquilo que é pragmático, útil ao desenvolvimento material da humanidade, na literatura, tais valores revelam-se por meio da escrita em prosa de uma investigação degradada. Segundo Goldmann (1967), a investigação degradada, que caracteriza o romance clássico enquanto gênero, é aquela em que há um herói problemático e uma busca por valores que não existem mais no mundo.

As formas e conteúdos dos romances modernos representam, então, um mundo cada vez mais individualista, alienante, fragmentado, eivado de contradições,

como aquele representado em *De gados e Homens*, característica da “transposição para o plano literário da vida cotidiana na sociedade individualista nascida da produção para o mercado” (GOLDMANN, 1967, p. 16) e que revelam as novas relações dos homens com os bens produzidos e com os outros homens.

Ligado ao gênero escolhido, o romance, a autora mantém uma estética realista que a relaciona a uma tradição literária caracterizada pela elaboração objetiva e crítica da realidade. Para Lukács (1996), a sociedade capitalista se caracteriza pela relação dialética entre a totalidade da essência e a superficialidade da aparência das coisas. Isso significa que, enquanto estrutura organizada, o sistema capitalista forma uma unidade, é um conjunto de partes que se conectam objetivamente. O seu modo de atuação, porém, promove uma autonomização de seus elementos que geram uma aparência de caos e desunião entre seus fenômenos. Apenas nos momentos de crise os elementos que pareciam autônomos mostram sua relação com o todo do sistema. A literatura, mormente a obra literária realista, enquanto uma “forma particular de reflexo da realidade objetiva” (LUKÁCS, 1996, p. 201), é capaz de elaborar em si representações das conexões mais profundas e ocultas do mundo social. Por meio das obras de autores realistas, mesmo que não intencionalmente, essas relações profundas emergem e transfiguram-se em objeto estético, revelando artisticamente a dialética entre a essência, as causas ocultas e as mediações que provocam objetivamente as vivências, e a aparência, a superfície opaca, refletida em estado de desagregação, de caos, incompreendida pelos sujeitos.

Enquanto realista, a obra de Maia se aproxima de um movimento de reprodução da integralidade e totalidade da realidade, que vai além da superficialidade percebida da vida cotidiana, em direção “ao maior aprofundamento e à máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onidirecional” (LUKÁCS, 2009, p. 105), já que ela oferece elementos que permitem interconexões entre vários aspectos das realidades econômica, social e cultural humanas. Assim, escrever um romance realista acaba por indicar o pertencimento da autora ao mundo moderno em seus desdobramentos mais atuais.

Se quanto ao tempo e ao espaço a obra *De gados e homens* não apresenta inovações em relação à tradição romanesca, e assumindo que enredo e personagens serão melhor entendidos a partir de sua relação com a matéria objetiva

da narração, uma análise do narrador é capaz de levantar alguns pontos relevantes para essa reflexão sobre a dialética entre os conteúdos formais da obra e os elementos da realidade contemporânea de onde a autora parte para a sua construção.

A narração na terceira pessoa onisciente indica importantes questões sobre a relação entre narrador e personagens, pois temos aí um narrador que conta a experiência do outro. Não seria Edgar Wilson capaz de relatar suas próprias experiências em primeira pessoa? Tal dificuldade é matéria de escrutínio de toda a tradição literária brasileira e revela a relação díspar entre o autor/narrador culto e o personagem popular iletrado que representa. São contradições da sociedade que se refletem no texto literário.

Além disso, em suas intrusões, ao emitir juízos de valor acerca das personagens, o narrador dessa história pode acabar por induzir o leitor a determinadas conclusões. Ele oferece uma interpretação pronta sobre as formas de estar no mundo daquelas personagens, em vez de permitir que o leitor construa sua própria interpretação. Considerando as características contemporâneas da abundância da informação, da fragmentação dos conteúdos, além de fatos como a mercantilização da arte, a superficialidade da cultura de massas e a alienação dos sujeitos, podemos supor certo nível de ausência de análise crítica por parte do leitor, que, ao ser direcionado por esse narrador que comenta e opina sobre a matéria narrada, acaba por interferir na autonomia dos juízos daquele que lê.

Por fim, o narrador é onisciente em relação às vidas e mentes dos personagens, mas, ao não oferecer qualquer explicação para o mistério do comportamento das vacas, parece que esse mesmo narrador não detém o conhecimento total do universo diegético que narra. Ao editar os episódios que julga relevantes para o desenrolar do enredo, pode ter deixado de fora algum fato que explicasse os fenômenos ocorridos, por exemplo, alguma contaminação da água, que matou os peixes e atingiu o sistema nervoso dos bovinos. Assumir que o enigma não tem explicação pode ser um indicativo da impossibilidade dos sujeitos de conhecer a totalidade dos fatos e as causas dos eventos do mundo, de esgotar a complexidade da vida, tão característica da contemporaneidade.

Dadas essas relações entre os elementos formais da obra e alguns dos conteúdos que representam, cabe agora explorar alguns dos temas que a obra aborda.

1.2 Trabalho e morte: as objetividades narradas

Ana Paula Maia é uma jovem escritora carioca que lançou seu primeiro livro, *o habitante das falhas subterrâneas*, em 2003. A partir de então, vem se dedicando à literatura e apresenta uma fértil produção que já conta com sete romances publicados, inclusive no exterior. A autora afasta-se das tendências contemporâneas, apontadas por Schollhammer (2009), de tratamento estético das próprias experiências, as autoficções, assim como daquela literatura que focaliza a vida nas grandes cidades. Embora seja mulher e negra, subverte a tendência que lhe daria seu lugar de fala, de tratar de temas femininos ou raciais, e apresenta um mundo bruto, marginal, habitado apenas por homens.

Segundo as análises de Schollhammer em *Ficção brasileira contemporânea* (2009), o que vários dos autores brasileiros contemporâneos procuram, entre eles podemos incluir Ana Paula Maia, é falar sobre a realidade brasileira, mormente sobre aquelas pessoas em posições marginalizadas, através de elaborações estéticas e artísticas baseadas em uma ética da transformação, do meio e de si mesmos, através “de uma prosa direta e pungente, sem rodeios nem floreios, abordando temas convulsivos e procurando extrair deles sua máxima força” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 59). Assim, a obra de Maia pode ser aproximada da tendência da literatura que assume uma postura perante o mundo e a arte que intenta gerar mudança no mundo por meio da escrita. Para isso, entrelaça elementos socioeconômicos aos elementos estéticos, trabalhando com uma série de temas que fazem reconhecer o mundo moderno na obra.

No exemplo *De gados e homens*, quinto livro da autora, o enredo centraliza-se na fazenda onde funciona o Matadouro Touro do Milo e região, um vale onde se concentram empresas de confinamento e abate de animais, além de frigoríficos e fábricas de processamento de carne e derivados. Toda a realidade dos personagens está relacionada, então, ao trabalho que exercem no matadouro. Assim, quanto à

matéria narrada, o conteúdo objetivo tratado na obra, figuram, nesse romance de Ana Paula Maia, o trabalho e a morte, dois temas de fundamental importância para o ser humano.

Pode-se afirmar que a maior parte do tempo e da vida dos sujeitos contemporâneos são regidas pelo trabalho, já que a subsistência nas comunidades capitalistas desde o início da modernidade depende da venda da força de trabalho individual. Porém, o trabalho pode ser entendido como algo que vai além de um meio de garantir a própria sobrevivência. Segundo Lima (2011), o jovem Marx entendia o trabalho como fator constituinte da condição humana:

só o homem percebe que homem e natureza não são imediatamente a mesma coisa, mas se interligam por meio do trabalho, único capaz de construir um outro mundo, o mundo social, a partir da vontade e criatividade humanas. O trabalho é uma atividade livre, consciente, capaz de criar a vida; é atividade vital, revolucionária, porque está sempre dando novos rumos à natureza e ao próprio homem (LIMA, 2011, p. 343).

Mas o trabalho que se percebe da leitura da obra analisada não é desse tipo, livre e capaz de criar vida, pelo contrário, o trabalho representado é degradante e afasta os homens de sua humanidade. O primeiro fator de desumanização desse trabalho vem de sua própria natureza, matar animais em larga escala:

— quantas cabeças você abate por dia?
— depende do lote. Às vezes sessenta, noventa. Já cheguei a abater cento e setenta cabeças num dia. No fim da noite eu não sentia mais o meu braço. (MAIA, 2013, p. 16).

Além desse fator intrínseco, a situação material em que tal trabalho é exercido também retira do homem a possibilidade de sua dignidade. A fazenda e a empresa apresentam uma estrutura precária, não há uniformes ou equipamento de segurança, os dejetos, sangue e vísceras dos animais abatidos, são lançados ao rio da região sem nenhum tratamento, os trabalhadores que vivem no alojamento da fazenda dividem meia-parede com o gado, dormem ao relento, exercem atividades estranhas a seus cargos, muitas vezes madrugada adentro, sem ganhar nada a mais por isso:

Edgar Wilson nunca comeu um hambúrguer, mas sabe que a carne é moída, prensada e achatada em formato de disco. Depois de frita, é colocada entre duas fatias de pão redondo recheado com folhas de alface, tomate e molho. O preço de um hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. Por dia precisa matar mais de cem vacas e bois e trabalha seis dias na semana, folgando apenas no domingo. (MAIA, 2013, p. 13).

Fica clara a exploração a que os trabalhadores são submetidos, característica a que Marx (2011) denomina mais-valor, a saber, a diferença entre o valor efetivamente produzido pelo trabalho do trabalhador e aquele que ele recebe como pagamento. Tal relação é base do sistema de produção capitalista e origem do lucro do empregador.

Ao mesmo tempo, o próprio dono da empresa se submete a condições precárias, pois trabalha em média quatorze horas por dia na administração do matadouro, preocupa-se permanentemente, não tem condições financeiras de contratar novos funcionários ou reformar as instalações da fazenda. Essa aproximação entre a difícil situação do patrão e de seus empregados confere a Seu Milo, na visão dos funcionários, a aparência de homem trabalhador e patrão justo.

À realidade dos homens do gado, contrapõe-se, por sua vez, a das modernas fábricas de hambúrguer:

pelo caminho, Edgar Wilson cruza com homens vestidos em macacões brancos, em total assepsia. Nunca esteve num local tão limpo como esse. Muito diferente do matadouro onde trabalha e do alojamento onde mora, local em que permanece confinado com diversos trabalhadores. Ambos os confinamentos, de gados e de homens, estão lado a lado, e o cheiro, por vezes, os assemelham. Somente as vozes de um lado e os mugidos do outro é que distinguem homens e ruminantes. (MAIA, 2013, p. 19-20).

Percebe-se, assim, uma hierarquia de trabalhos, advinda, segundo Marx (2011) da decomposição de uma atividade específica em suas diversas operações parciais, que são valoradas diferentemente conforme sua especialização, característica que o filósofo define como divisão do trabalho. Na base da hierarquia estão as diferentes atividades dos empregados do matadouro, cuja força de trabalho é explorada, por meio do mais-valor, por Seu Milo. Acima deles, localiza-se a precária empresa fornecedora da matéria prima às fábricas de hambúrguer, o

Matadouro Touro do Milo caracteriza-se por um trabalho menos valorizado, por isso, menos remunerado. Por último, nessa cadeia produtiva, a fábrica de hambúrguer produz a mercadoria final em um ambiente limpo, mecanizado e tecnológico e pode vender seu produto por dez vezes o valor do trabalho de Edgar Wilson.

Essas relações de trabalho e a natureza das atividades exercidas estendem-se para além do matadouro do Seu Milo, do vale dos ruminantes, para além de uma região pobre, marginal, de um país de terceiro mundo. Santiago personifica a existência da necessidade global dessas relações:

- eu abatia renas na Finlândia.
- tem experiência com bovinos?
- sim, eu abatia bovinos numa fazenda no interior da Irlanda, até que fui parar na Finlândia com as renas. (MAIA, 2013, p. 42)

Assim, abater animais é uma atividade necessária para o sustento de toda uma cadeia produtiva. Na história, se materializa por meio do produto “hambúrguer”, que, enquanto mercadoria, esconde o trabalho humano necessário para a sua produção:

Cumprido seu dever, ele vai para a cozinha do alojamento e frita os hambúrgueres. Com os colegas, comem toda a caixa, admirados. Assim, redondo e temperado, nem parece ter sido um boi. Não se pode vislumbrar o horror desmedido que há por trás de algo tão saboroso e delicado (MAIA, 2016, p. 21).

No capitalismo, segundo Marx (2011), as mercadorias tem um valor de uso e um valor de troca. Por valor de uso, entende-se o caráter da mercadoria de atender uma necessidade humana. Já o valor de troca é a abstração que permite que as mercadorias se equivalham no mercado, dada pela quantidade de trabalho humano que existe em sua produção. Se o que agrega valor à mercadoria é a quantidade de trabalho envolvido e não o tipo ou a qualidade do trabalho, as relações de equivalência capitalistas acabam por apagar os processos pelos quais um produto se transforma em mercadoria, por isso, “lá na fábrica de hambúrguer a brancura reflete uma paz que não existe, um clarão que cega a morte” (MAIA, 2013, p. 45). A consequência, segundo Bastos e Araújo é que

o trabalho, no interior da lógica totalizante do capital, vai se tornando abstrato, alienado e reificado; assim, o homem não

se reconhece nos produtos por ele produzidos, e a força de trabalho empreendida na consecução dos produtos do trabalho acaba se voltando contra o próprio homem que os produziu. (BASTOS E ARAÚJO, 2011, p. 178).

Se, primitivamente, era através do trabalho que o homem se punha como sujeito perante os outros homens e a natureza, com a divisão social do trabalho, surgida com o capitalismo, as atividades humanas se tornaram especializadas, o produto dessa atividade e a própria atividade em si se tornam estranhos ao sujeito, a “atividade profissional parece ser uma pequena engrenagem num enorme maquinário de cujo funcionamento geral ele não pode ter a mínima idéia”. (LUKÁCS, 1968, p. 67).

Os efeitos subjetivos dessa nova organização econômico-social são que “o homem se aliena de si mesmo os produtos de sua atividade e faz deles um mundo de objetos separado, independente e poderoso, com o qual se relaciona como um escravo, impotente e dependente” (BOTTOMORE, 1988, p. 21), como acontece em relação à mercadoria, ao dinheiro, ao capital, por exemplo, que são produtos do capitalismo, mas aparentam ter uma existência independente dos sujeitos. Esse modo de ser abstrato, alienado e reificado gerado pelo capitalismo é perceptível ao leitor em *De gados e homens*.

Na obra, além da aproximação entre os homens e os animais, causada pela exploração dos trabalhadores e pelas condições em que vivem, é de fundamental importância a internalização, pelos personagens, dessa semelhança entre si e os animais com os quais convivem:

Edgar sente-se tão afinado com os ruminantes, com seus olhares insondáveis e a vibração do sangue em suas correntes sanguíneas, que às vezes se perde em sua consciência ao questionar quem é o homem e quem é o ruminante. (MAIA, 2013, p. 68).

Tal semelhança surge como uma metáfora que perpassa *De gados e homens* desde o seu título, representando a progressiva animalização do ser humano relegado a contextos brutos e violentos. De todo o romance emerge a ideia de que o trabalho determina a subjetividade daqueles que o exercem. A própria autora parte desse princípio para elaborar suas obras, que, como revela na apresentação de *Carvão Animal*, tem “por fundamento expor como o caráter do ser humano pode ser

moldado pelo trabalho que executa, como o meio intervém na construção das identidades e como essas identidades modificam o meio” (MAIA, 2011, n.p).

Esse princípio aproxima-se do conceito de materialismo histórico de Marx (2008), segundo o qual as subjetividades humanas se constroem a partir das relações de produção material da sociedade, assim “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47). Dessa forma, a alienação e a reificação, característicos das relações dos homens com os bens, as mercadorias, transportam-se para as relações dos homens entre si. No livro, ilustram-se, por exemplo, na relação banal que os personagens têm com a morte.

Por séculos a filosofia tem associado a morte à condição humana, porque o ser humano é o único que tem consciência de sua morte futura. Sendo finita, a vida humana deveria adquirir um caráter precioso, mas o que se observa em *De gados e homens* é a banalização da vida e da morte:

Edgar Wilson entra no banheiro do alojamento. Espera que reste apenas Zeca no banho. Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a frente do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. [...] no fundo do rio, com os restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca, que, com o fluxo das águas, assim como o rio, também seguirá para o mar (MAIA, 2013, p. 21).

Não há pesar pela morte, não há culpa pelo ato de matar humanos, sentimento generalizado entre os personagens. Assim como Edgar Wilson, que já matou muitos homens, Erasmo Wagner foi preso por matar “um velho desgraçado” (MAIA, 2013, p. 17). Nem a morte de Burunga, companheiro de trabalho, é sentida por mais de duas semanas, já que o trabalho não pode parar:

Seu Milo os segue na sua caminhonete e pede aos homens que retornem ao trabalho e que ninguém vá embora, que todos devem trabalhar pela noite e pela madrugada. O funcionamento do matadouro não pode ser prejudicado por causa da morte de um homem, pois ainda restam muitos bois a serem abatidos. (MAIA, 2013, p. 92).

O mundo da obra é ontologicamente violento. Para viver, mata-se, e, assim, sente-se “o cheiro da morte em todo lugar” (MAIA, 2013, p. 16). Não é possível dizer, porém, que essa banalização apague a consciência do crime:

— como é matar boi o dia inteiro? O senhor não acha isso assassinato? O senhor não acha que sacrificar esses animais é crime?
[...]
— acho.
[...]
— então o senhor se considera um assassino?
— É.
— O senhor não se envergonha disso?
[...]
— senhora... a senhora já comeu um hambúrguer?
A mulher responde que sim com a cabeça.
— e como a senhora acha que ele foi parar lá? (MAIA, 2013, p. 70-72).

O conceito da banalidade do mal pode ser útil para o entendimento dessa naturalização da morte. O termo foi cunhado por Hannah Arendt a partir da análise das declarações que o general nazista Eichmann deu em seu julgamento. Para a pensadora, a ausência da capacidade de pensar, de elaborar juízos críticos, está na gênese de certos atos tidos como maus ou cruéis. Assim, ela se pergunta como “uma pessoa mediana, ‘normal’, nem burra, nem doutrinada, nem cínica, pudesse ser inteiramente incapaz de distinguir o certo do errado” (ARENDR, 2001, p. 38).

Uma parte da resposta refere-se à burocratização de sistemas, que conferem aos agentes uma atividade fragmentada, da qual decorrem a falta de entendimento global do processo do qual são parte e a ausência do sentimento de responsabilidade pelo resultado final de seus atos. Outra pista refere-se a usos específicos da linguagem e da incapacidade de falar como relacionados à incapacidade de pensar e se colocar na situação dos outros. Tais fatores estão representados em *De gados de homens* por meio da divisão social do trabalho, que já comentamos, assim como pelos longos silêncios e pelas falas monossilábicas característicos de Edgar Wilson, que podem ser percebidos no trecho:

Edgar Wilson permanece em silêncio enquanto aguarda a decisão do patrão. Em sua mente não passa nenhuma ideia, pois não é seu costume buscar soluções, a não ser que seja

solicitado [...] também não é costume de Edgar Wilson deixar de cumprir o que pedem. (MAIA, 2013, p. 10).

Assim como Eichmann, Edgar Wilson, ao matar Zeca, tem “fortemente enraizada em sua mente [...] a idéia de que o pecado imperdoável não era matar pessoas, mas provocar sofrimento desnecessário” (ARENDR, 2001, p.125). O mal em Edgar não é fruto de uma subjetividade deturpada, como era a de Zeca, que gostava de fazer o gado sofrer, assim, a noção arendtiana de banalidade do mal pode ajudar a iluminar as ações desse personagem.

Podemos entender, dessa forma, que o que acontece na obra é a submissão a uma espécie de necessidade inescapável, a naturalização de um estado de coisas em que a morte dos bovinos é aceitável. Devido à fragmentação da consciência e da incapacidade de formação de juízo crítico autêntico, a relação reificante do homem para com a natureza, em que o animal é entendido como ser abaixo da autoridade humana e existente apenas para servir a seus interesses, estende-se para as relações dos seres humanos entre si e a consequência é o entendimento do outro também como objeto banal, cuja morte não importa mais que a morte dos animais.

Como viemos apresentando, exploração do trabalho, mais-valia, valor de uso, valor de troca, reificação e alienação são alguns dos conceitos utilizados pela teoria marxista para descrever o funcionamento da estrutura do capitalismo e das sociedades modernas e contemporâneas. Por sua vez, o materialismo histórico apresenta uma possibilidade de explicação para como e por que as subjetividades desse mundo moderno e contemporâneo se constituem como são. Todos esses elementos do mundo transpõem-se para o interior da obra literária, servindo como espelho da sociedade, estruturando o enredo e regendo as vidas e as ações dos personagens.

Dessa forma, revela-se a função desfetichizadora da obra literária, apontada por Bastos e Araújo (2011) como a capacidade de desvelar, por meio do texto literário, a realidade:

No cotidiano, dificilmente poderemos ter a percepção da totalidade social, mesmo porque a vida, na sociedade capitalista, é organizada de maneira a impedir essa percepção. A relevância da obra literária está em que ela pode reatar os elementos díspares, permitindo, assim, que o leitor também veja o que se oculta na vida cotidiana. (BASTOS E ARAÚJO, 2011, p. 26)

Podemos perceber, com a ajuda dos trabalhos de teóricos como Marx, Lukács, Goldmann, entre outros, algumas relações entre os modos de produção material do capitalismo e as subjetividades humanas, que se tornam gradativamente mais fragmentadas, alienadas e individualizadas a partir da modernidade. Em *De gados e homens*, porém, os personagens parecem estar um passo além dessas características, se orientando, em certos momentos, quase que com indiferença moral. Para perceber as causas disso, investigaremos, agora, como se mostram no texto certas características subjetivas típicas da contemporaneidade.

CAPÍTULO II - A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Em que consiste a contemporaneidade? A primeira questão a ser respondida é sobre a qual recorte temporal nos referimos ao usar esse termo. Segundo Barbarena (2016), o contemporâneo pode ser pensado a partir de uma série de arbitrariedades sincrônicas, conforme exijam as demandas epistêmicas e discursivas, ou seja, considera-se a contemporaneidade a partir de diferentes recortes, a depender do objetivo do teórico, assim, o “contemporâneo ora inicia no pós-segunda guerra mundial, ora começa na virada do século XXI, ora inaugura-se após o medievalismo” (BARBARENA, 2016, p. 460). O presente trabalho considera, então, um recorte que toma o termo “contemporâneo” a exemplo da definição do Dicionário Michaelis (2015) “que é do mesmo tempo. Que existiu ou viveu na mesma época”. Assim, contemporâneo é aquilo que existe ao mesmo tempo em que nós, aqui assumido como aquilo que é próprio do século XXI.

A falta de distância temporal para análise de tal objeto, por sua vez, torna esse trabalho interpretativo mais complexo. O exercício de entender as múltiplas relações que constituem o tempo presente é como tentar montar um quebra cabeças a partir de dentro dele ou, segundo Agamben (2010), tentar ver no escuro:

Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2010, p. 62-63).

Como ponto de partida para esse empreendimento tão difícil, toma-se a hipótese defendida por Rosenfeld (1996), que, ao estudar a literatura moderna, assume que há, em cada época, um “espírito” que unifica de certa forma todas as suas manifestações culturais, interrelacionando as atividades artísticas, científicas, filosóficas, de acordo com um sentimento de vida específico. Se aplicarmos essa hipótese ao mundo contemporâneo, já que ele é um desdobramento do mundo moderno, qual seria o “espírito” da época atual? Pelo princípio do materialismo histórico já apresentado, sabemos que a subjetividade é determinada pelas relações materiais da sociedade, quais são, então, as manifestações que emergem dessas subjetividades determinadas pela contemporaneidade? Barbarena (2016) apresenta uma breve descrição:

vivemos uma era do vazio na qual a sedução e a alienação caminham juntas face a uma espécie de hedonismo individual. O ritmo hipermoderno desagrega questões humanas fundamentais, preconizando-se uma competição de falsas aptidões de transcendência e perenidade comercial. Comandado por um cinismo generalizado, o indivíduo procrastina frente às responsabilidades de valores democráticos. Talvez estejamos vivendo então um determinado niilismo moral, matizado pelo fascínio da frivolidade dos comportamentos políticos e sociais. Alimentado por razões de conforto e felicidade, o egoísmo privado evidencia a derrocada de um coletivismo pluralista. E não se trata de enunciar o óbito da modernidade, mas, sim, o seu remate na forma de um liberalismo globalizado e de uma mercantilização quase generalizada dos modos de vida. A escala do “sempre mais” não encontra limites ao longo dos frenesis consumistas. Numa escala funcional e técnica, edifica-se o hiperindividualismo de um *homo oeconomicus*. (BARBARENA, 2016, p. 459).

Para compreender o “espírito” contemporâneo que emerge de sujeitos eminentemente individualistas, imediatistas e relativistas, enquanto resultado de realidades materiais específicas, é necessário lançar mão de conhecimentos artísticos, científicos e filosóficos, em uma leitura hermenêutica do mundo. Faremos essa análise, então, a partir de um texto literário, *De gados e homens*, com suporte nas análises do sociólogo Zygmunt Bauman, um dos maiores estudiosos das configurações do mundo contemporâneo.

De gados e homens foi publicado em 2013 e podemos, assim, supor que carrega em seu bojo as características do tempo em que foi escrito, marcadamente a globalização política, econômica e cultural e o desenvolvimento e popularização da tecnologia. Porém, como é possível observar no enredo da obra, a história se passa no campo, em uma realidade material em que quase não há menção às grandes transformações ocorridas na sociedade do século XXI, e mesmo a autora (2018) afirma que essa história poderia ter ocorrido nos anos 80 ou 90 do século XX. A única menção objetiva, temática, feita na história que a localiza na contemporaneidade é a atividade de confinamento de gado e abate em larga escala para abastecimento da indústria. Por outro lado, mesmo a empresa de Seu Milo não possui computadores ou internet, não há uso de maquinário que promova a automação dos processos, nenhum dos personagens tem um telefone celular, por exemplo. A contemporaneidade do texto só irá se insinuar de fato através da subjetividade dos personagens.

Para Bauman (2001), o mundo contemporâneo se entende sempre em oposição ao moderno. Segundo o sociólogo, a característica fundamental da modernidade é sua solidez: com a modernidade fundam-se as nações, demarcam-se os territórios, as comunidades assentam-se nesses espaços. São elaboradas leis, que ditam os direitos e deveres dos membros daquelas nações. As instituições, Estado, Família, Igreja, regulamentam as identidades possíveis às pessoas, dando uma impressão de confiabilidade e segurança à vida. O mundo contemporâneo, por sua vez, liquefaz todas essas relações e certezas em nome da liberdade individual de escolha e ação, apenas a economia se mantém como ordenadora do mundo, e assim, “são os padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar guiar, que estão mais em falta” (BAUMAN, 2001, p. 12).

Em *De gados e homens*, é possível perceber claramente a perda de poder das instituições tradicionais. O Estado não presta os serviços essenciais à ordem social, sua atuação é simbolizada, no enredo, pela ação da polícia, que demora o dia inteiro para aparecer no local da tragédia, não tem homens suficientes para promover uma investigação e não se esforça para realizar seu trabalho. É, assim, alvo de profundo descrédito:

— Esses ladrões de gado levaram à bancarrota algumas fazendas e matadouros pros lados do leste. Alguns foram presos, mas nunca deu em nada. Você sabe que essas coisas nunca dão em nada. (MAIA, 2013, p. 89).

O papel da Igreja, especificamente a Igreja Católica, que manteve o monopólio da fé nas nações ocidentais por séculos, é apenas formal, os homens que rezam o fazem mecanicamente, os ensinamentos religiosos aparecem afastados das ações dos personagens:

Nunca derramam sangue no domingo, pois é um dia sagrado, segundo Seu Milo, e o doutrinamento católico que recebeu toda a sua vida. Seu Milo costuma ir à missa com a família logo pela manhã, mesmo tendo bebido, jogado e se deitado com prostitutas na véspera. (MAIA, 2013, p. 76)

Percebemos, pelo trecho acima, que o papel da Família também não é força de manutenção dos laços humanos. Mesmo as relações afetivas são suplantadas pelos valores do mercado, como fica claro na reação de Seu Milo à morte da sogra:

— que Deus a tenha – diz Seu Milo sorridente - minha mulher esta abatida, mas pra mim foi um alívio. A velha me custava caro. Eu tinha que arcar com todas as despesas. Acho que agora até vai dar para trocar a caminhonete velha. (MAIA, 2013, p. 112-113).

Um fato relevante para a compreensão da modernidade líquida descrita por Bauman é que o sistema de produção capitalista tornou-se o único modelo econômico possível, já que mesmo nações tidas como socialistas ou comunistas têm se aberto cada vez mais ao capital. Outro fato refere-se ao desenvolvimento sem precedentes da tecnologia, que permitiu, por exemplo, o afluxo de uma enxurrada de informações, disponíveis instantaneamente a qualquer indivíduo, assim como o surgimento de aparelhos eletrônicos que resolvem grande parte dos problemas da vida cotidiana com apenas alguns cliques: é possível fazer compras sem ir ao mercado, seguir as orientações do *GPS* para encontrar um endereço não conhecido, promover uma reunião *on-line* com pessoas que não moram na mesma cidade, enfim, atividades que antigamente demandariam muito tempo e esforço para serem realizadas são completadas em instantes, muitas vezes sem requerer qualquer interação humana.

Esses novos elementos são, assim, responsáveis por radicalizar a ideia de indivíduo surgida na modernidade, o que, conseqüentemente, é determinante para a construção da subjetividade contemporânea. Para Bauman (2001), não há uma ruptura entre as características dos momentos que denomina de modernidade sólida e modernidade líquida, antes, ocorre uma potencialização das características que já se desenhavam nos séculos iniciais da modernidade. Assim, a individualização, a visão de mundo fragmentada, a alienação, a degradação da moral, o desencantamento do mundo, são levadas às suas últimas conseqüências nas sociedades contemporâneas.

Se na modernidade o homem se entendia a partir de uma posição no mundo que era construída pelos discursos da Igreja, do Estado, da Família, no mundo contemporâneo todas essas instituições perdem sua força coercitiva, como vimos, e seus discursos podem ser ou não abraçados pelas pessoas, que não são mais entendidas como membros dessas redes e comunidades, mas como indivíduos autônomos que constroem suas identidades solitariamente. Por um lado, esse fenômeno denota maior liberdade e flexibilidade na autoconstituição das identidades, por outro, Bauman (2001) aponta para uma realidade em que é apenas dos indivíduos a responsabilidade por sua própria felicidade, pois

Não há mais grandes líderes para lhe dizer o que fazer e para aliviá-lo da responsabilidade pelas conseqüências de seus atos. No mundo dos indivíduos há apenas outros indivíduos cujo exemplo seguir na condução das tarefas da própria vida, assumindo toda a responsabilidade pelas conseqüências de ter investido a confiança nesse e não em qualquer outro exemplo (BAUMAN, 2001, p. 42).

É apenas do indivíduo a responsabilidade pela construção da própria identidade, assim como lidar com os sucessos ou os efeitos colaterais desse processo. Mas em uma estrutura como a capitalista, que se sustenta na exploração desses mesmos indivíduos, não há recursos para que todos experienciem uma identidade saudável, assim, estabelece-se um cenário de busca de “‘soluções biográficas’ para contradições sistêmicas” (BAUMAN, 2001, p. 52) fadado ao fracasso.

É dessa forma que a questão do indivíduo contemporâneo aparece em *De Gados e Homens*. Nenhum laço social ou afetivo prende os personagens, que agem

conforme seus interesses particulares, apresentando identidades que se guiam pela brutalidade e violência e pela resolução dos problemas interpessoais através da eliminação do outro, como faz Edgar Wilson em relação à afronta de Zeca. Edgar mata o jovem colega friamente e não sente qualquer remorso pelo crime:

- Eu mesmo botei ele lá. Abati e depois joguei ele no rio.
- Por que você fez isso, Edgar?
- Ele maltratava o gado. Não prestava de jeito nenhum.
- Isso é crime Edgar. Você matou um homem.
- Não, Seu Milo. Já matei mais de um. Só quem não prestava. (MAIA, 2013, p. 38)

E mesmo que tenha consciência do crime, a liberdade de escolha é mais importante que qualquer punição nessa ou noutra vida. Edgar Wilson “poderia se redimir, mas nunca se esforçou para isso. Seu livre-arbítrio o faz escolher outra direção” (MAIA, 2013, p. 85).

Uma metáfora importante para o entendimento das relações contemporâneas entre as pessoas e as coisas, os valores e os outros é a da compra:

Se “comprar” significa esquadrihar as possibilidades, examinar, tocar, sentir, manusear os bens a mostra, comparando seus custos com o conteúdo da carteira ou com o crédito restante nos cartões de crédito... então vamos às compras tanto nas lojas como fora delas. (BAUMAN, 2001, p. 95).

O indivíduo parece andar pelo mundo como quem caminha em um *shopping*, escolhendo entre uma infinidade de bens que podem suprir suas necessidades e seus desejos, analisando a oferta de valores a partir dos quais dirigir seus atos, selecionando os indivíduos com os quais vale a pena se relacionar, com a certeza de que, caso o “produto” não atenda às expectativas, sempre é possível “comprar” outro. Esse processo de “compra” de bens, de valores, de parceiros, por sua vez, precisa aplacar os desejos, resolver os problemas, instantaneamente.

A ideia da instantaneidade, da realização imediata, é, para Bauman (2001) típica da contemporaneidade, fruto da tecnologia, que torna o tempo e o espaço irrelevantes. O espaço é cada vez menos um obstáculo à resolução de qualquer problema, o tempo segue esse mesmo caminho. O sujeito contemporâneo tende a compreender o tempo, então, como uma sucessão de momentos em que as ações

não têm consequências a longo prazo. As necessidades e sua satisfação agora são pontuais, sucedendo-se umas às outras nem bem sejam realizadas.

Na relação dos personagens de Ana Paula Maia com a morte é possível perceber a radical pontualidade dos eventos, a irrelevância que qualquer acontecimento tem em longo prazo. O luto pela morte de Burunga não dura nem duas semanas, o colega é rapidamente substituído e esquecido. Da mesma forma, esvanece-se em minutos a preocupação com o destino de Santiago na prisão. Até o quase sobrenatural suicídio coletivo das vacas é esquecido em alguns meses.

São principalmente nesses aspectos que *De gados e homens* se constrói como metáfora para o mundo contemporâneo: assim como Edgar Wilson, Seu Milo e todos os outros homens do gado, os sujeitos contemporâneos vivem em um mundo substancialmente constituído por violência e exploração e são determinados em suas subjetividades a tornarem-se cada vez mais individualistas em seus modos de pensar, de agir, de desejar, de perceber, enfim, de ser e estar no mundo. Constituem-se pela construção de uma identidade nunca acabada, marcada pela relativização moral e por uma busca pela realização imediata das necessidades e desejos. Também apresentam uma percepção fragmentada do mundo, um enfraquecimento dos laços afetivos e sociais e a alienação em relação ao todo do qual fazem parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando abrimos um livro de história da literatura, nos deparamos sempre com uma lista de características específicas das produções artísticas e culturais de cada época histórica. Embora seja a redução de uma realidade muito mais complexa, essa lista apresenta linhas gerais da forma como as pessoas entendiam, sentiam, interpretavam o mundo em que viviam, em outras palavras, tais livros apresentam o “espírito” de determinado tempo.

Para o mundo contemporâneo, essa sociedade em que vivemos agora, a interpretação das características que regem as manifestações humanas é um tarefa muito mais complexa, já que falta o distanciamento histórico que permite a

teorização. Tal compreensão é, porém, cada vez mais urgente, dado o poder que a espécie humana adquiriu sobre o planeta e sobre o destino de cada um dos seres que o habitam.

O primeiro pressuposto do presente ensaio foi, então, que uma obra artístico-literária carrega em si um pouco do “espírito” de seu tempo, e que, por isso, indica pistas para o entendimento do mundo que lhe origina. Assim, selecionamos para análise uma obra pertencente à literatura brasileira contemporânea, o livro *De gados e homens*, de Ana Paula Maia.

A questão sobre como percebemos as características das subjetividades contemporâneas no texto, guia dessa investigação, abriu espaço para a exploração de inúmeras contradições que se operam entre o texto, o mundo e os sujeitos. Acabamos por construir uma leitura da obra que oferece reflexões sobre as estruturas subjetivas, sociais e econômicas a que nos submetemos e que experienciamos todos os dias.

Com base nos temas tratados pela autora, como o trabalho, a morte e a exploração, foi possível, também, apresentar uma rica conceituação teórica originada de estudos sobre a economia, a sociedade, a política, a ética e a estética, de importantes pensadores como Karl Marx, Hannah Arendt, György Lukács e Zygmunt Bauman.

Percebemos, da leitura desses teóricos, que a subjetividade humana é determinada pelo meio em que o indivíduo vive e que a subjetividade moderna sob os meios de produção material do capitalismo é caracterizada pela alienação, pela fragmentação, pela relativização moral, assim como naquela realidade que emerge da leitura da obra *De gados e homens*.

A partir daí, estendemos essa relação entre subjetividade e produção material para o mundo de hoje, perguntando quais manifestações subjetivas se originam das características tipicamente contemporâneas. Concluímos que o mundo contemporâneo é um prolongamento do mundo moderno em que suas características são radicalizadas, gerando subjetividades hiperindividualistas, imediatistas, moralmente fluidas e economicamente orientadas, demonstrando, por fim, que os personagens da obra analisada apresentavam também algumas dessas características.

Não obstante essas características das subjetividades contemporâneas se manifestem no texto através dos personagens, elas também se mostram presentes por meio dos elementos formais escolhidos pela autora para estruturar sua obra e pelos temas objetivos que constroem o enredo, como buscamos demonstrar, revelando as relações de contradição que existe entre o texto e o mundo.

De forma geral, esse ensaio desenvolveu uma leitura crítica acerca da obra *De gados e homens*, de Ana Paula Maia, apresentando a relação dialética entre seus elementos formais e temáticos, e, embora muitas outras leituras sejam também possíveis, a nossa apresenta análises sociais, econômicas e culturais centrais para o entendimento da própria obra e, para além dela, do tempo presente.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2010.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.

BARBARENA, R. A. A hipercontemporaneidade ensanguentada em Ana Paula Maia. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n.4, p. 458-465, 2016.

BASTOS, H.; ARAÚJO, A.D.F.B. (Orgs.). **Teoria e prática da crítica literária dialética**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

BENATTI, A. R. Sobre a representação ou o homem em seu estado bruto. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, Goiás, v. 7, n. 1, p. 9-20, 2018.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. E-Book.

CANDIDO, A. **A Personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

_____. **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ouro sobre azul, 2004.

_____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CASARIN, J. Violência, crueldade e desigualdade na literatura brasileira contemporânea: de gados e homens de Ana Paula Maia e o matador de Patrícia Melo. **Opiniões: Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 11, p. 78-90, 2017.

CONTEMPORÂNEO. In: MICHAELIS ONLINE Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em < <https://michaelis.uol.com.br> > Acesso em 18/10/2018.

GOLDMANN, L. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LEITE, L. C. M. **O foco narrativo ou A polêmica em torno da ilusão**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

LIMA, A. Trabalho e ação política em Marx. **Revista ethic@**, Florianópolis, vol. 10, n 2. 2011.

LUKÁCS, G. **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____ Trata-se do realismo. In: MACHADO, C. E. J. **Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

_____ **Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MAIA, A.P. **Carvão Animal**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2011.

_____ **De gados e homens**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2013.

_____ Dificilmente um homem é questionado por escrever sobre mulheres. [31/03/2018]. São Paulo: **Jornal Nexo**. Entrevista concedida a Olívia Fraga. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/03/31/%E2%80%98Dificilmente-um-homem-%C3%A9-questionado-por-escrever-sobre-mulheres%E2%80%99>> Acesso em 11/10/2018.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Expressão popular, 2008.

_____ **O Capital: Crítica da economia política**. Boitempo Editorial, 2011. E-Book.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

ROSENFELD, A. **Texto/Contexto I**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Conheça os vencedores do prêmio São Paulo de Literatura!** São Paulo: 2018. Disponível em <http://www.cultura.sp.gov.br/conheca-os-vencedores-do-premio-sp-de-literatura/> Acesso em 13/11/2018.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.